

Não houve guerra, mas também não se fumou o cachimbo da paz. Na quinta-feira, 11, Boa Vista, capital de Roraima, vivia a aparente tranquilidade de uma trégua. Pelo menos não havia, como aconteceu durante toda a semana anterior, a tensão do conflito iminente. Desde o domingo, 7, cerca de 300 policiais federais ameaçavam retirar “de qualquer maneira” – segundo determinação do Ministério da Justiça – mais de 43 mil garimpeiros ilegalmente instalados na reserva indígena dos yanomami. Houve avanços e recuos táticos de ambas as partes, até que o delegado Romeu Tuma, diretor-geral da Polícia Federal, conseguiu costurar um acordo que agradou a ambas as partes. Na terça-feira, 9, Tuma sugeriu a remoção dos garimpeiros para áreas de florestas nacionais no próprio Estado.

Mesmo entre os seus comandados cresce a impressão de que tudo não passou de uma estratégia para evitar o conflito. O governo ganharia, assim, levando os garimpeiros para uma área fora de litígio e com baixo teor mineral. Os garimpeiros, por sua vez, adiariam por três meses a sua saída da reserva, de onde poderiam continuar extraindo ouro. E, mesmo com suas pistas de pouso controladas pela PF, poderiam resistir por mais tempo, abastecendo os garimpos através de lançamentos aéreos. A habilidade e o bom senso de Tuma gerando um acordo e não uma guerra irritou o procurador da República Eugênio José Guilherme Aragão. Na quarta-feira, 10, ele pediu a prisão em flagrante do diretor-geral da PF, por desobediência a uma ação cautelar que determinou, em 20 de outubro, a retirada dos garimpeiros das terras indígenas. Na quinta-feira, Tuma foi interpelado judi-



ISTO É
SENIOR

SOCIEDADE

Tensão na terra do ouro

Uma trégua precária evita a guerra nos garimpos de Roraima

DAVID CASSEB E ALEXANDRE GALINDO (FOTOS), DE BOA VISTA



cialmente, tendo 72 horas para responder. Sua resposta imediata: “Se eu apontasse metralhadoras poderia causar traumatismos e violência”.

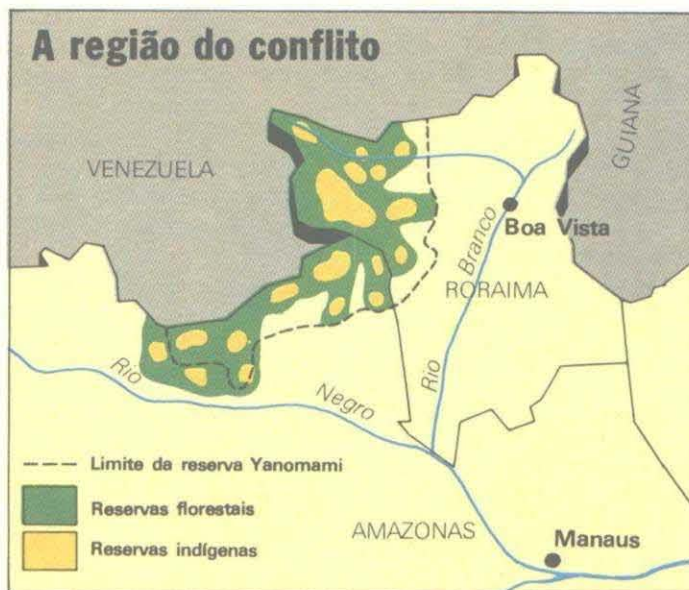
Donos de uma área de 2,5 milhões de hectares, os yanomami tiveram seu subsolo visitado pelos garimpeiros pela primeira vez há cinco anos. De lá para cá, não se livraram mais da invasão, cada

Tuma em ação

O delegado preferiu a negociação ao conflito e desagradou à Justiça



vez maior, dos caçadores de ouro. Passado esse tempo e frustradas duas tentativas de retirada dos garimpeiros, o Ministério da Justiça decidiu que estava na hora, depois de muitas pressões, de deixar livre a terra dos índios. A Operação Canaimé, sob inteira responsabilidade da Polícia Federal, teve sua data de início marcada para o dia 7, quando agentes da PF tomaram de assalto a pista do Aeroporto Internacional de Boa Vista e outras seis pistas clandestinas nas imediações da cidade. Armados com metralhadoras, escopetas e rifles automáticos, os policiais passaram a controlar a saída de todos os aviões pequenos que são usados pelos garimpeiros no transporte de combustíveis e gêneros alimentícios. O clima, que antes era apenas de apreensão, tornou-se insuportável, com passeatas de protesto, ameaças de revolta e insurgimento por parte dos garimpeiros e a posição firme de não sair da área, mesmo à custa de mui-



Pouso estratégico
 A PF e os garimpeiros disputam o controle das pistas clandestinas

Donos da terra

Os yanomami reocupam as áreas que os caçadores de ouro lhes haviam tomado

tas mortes.

Na noite de segunda-feira, 8, um comício de protesto na Praça dos Garimpeiros, de frente do palácio do governo do Estado, reuniu mais de dez mil pessoas. Revoltados, eles gritavam palavras de ordem e garantiam que iriam "lutar até a morte" pelo que lhes pertence. Com a chegada ao comício do governador Romero Jucá, ex-presidente da Funai, foi anunciada a aprovação, pelo presidente José Sarney, do projeto, Meridiano 62, do governo de Roraima, que determina quatro áreas fora da reserva para o assentamento dos garimpeiros.

O Meridiano 62, base do acordo de Tuma com os garimpeiros, restringe a atuação dos grupos que se encontram na reserva yanomami às áreas de Catrimani/Couto Magalhães, com 352.075 hectares, Uraricoera, com 195 mil hectares, e Uraricar/Santa Rosa, com 117.880 hectares. A quarta área pretendida pelos garimpeiros e endossada pelo governo do Estado não contou ainda com a aprovação federal, por estar situada na região de fronteira com a Venezuela, podendo ser motivo de conflito internacional.

A chegada de Tuma, na manhã do dia seguinte, não arrefeceu os ânimos dos garimpeiros, que se posicionaram em vigília na frente do Palácio 31 de Março por mais de três horas, tempo que durou a primeira reunião do delegado com o governador, exigindo aos gritos uma solução rápida e a suspensão da operação de bloqueio das pistas, para que fossem enviados gêneros alimentícios para os garimpos. O momento de maior tensão na ci-▶▶



Meridiano 62

O projeto de Jucá (acima) ajudou a reduzir a tensão. Os garimpeiros ameaçavam resistir à retirada

dade ocorreu quando Tuma saiu do palácio e decidiu visitar o bispo de Boa Vista, d. Aldo Mongiano, tido pelos garimpeiros como o principal causador do movimento de desocupação da área yanomami. A tranquilidade de Tuma e de d. Aldo só durou alguns minutos, tempo que cerca de 500 garimpeiros, entre homens e mulheres, bloquearam a rua em frente à residência episcopal e tentaram invadir o jardim da casa, afirmando que “a cabeça do bispo tem de rolar”. Foi necessária a intervenção de tropas de choque da Polícia Militar e uma equipe da Polícia Federal para garantir a segurança do local. Inconformados, os garimpeiros chegaram a atear fogo no gramado seco da praça, provocando um intenso fumaceiro. Irritado com a confusão formada, o delegado encerrou sua

conversa com o bispo, que ele mesmo definiu como “confissão auricular”, e, entrando na massa de garimpeiros, afirmou: “Se não pararem imediatamente com isso, não haverá mais negociações.”

Ordem cumprida, uma nova rodada de negociações se estendeu até a noite, quando a proposta de remanejamento foi aceita por José Teixeira Peixoto, o “Baixinho”, presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Boa Vista, e José Altino, da União dos Sindicatos de Garimpeiros da Amazônia Legal. O administrador regional da Funai e representante dos índios, José Maria Nascimento, reclamou da falta de voz nas negociações pelas novas áreas e demitiu-se do cargo na manhã de quarta-feira, 10.

Com a nova estratégia montada, fi-

cou acertado que todas as pistas que estavam sendo usadas pelos garimpeiros e que pertencem à reserva yanomami, num total de 62, passarão a ser utilizadas pela Funai para o trabalho de fiscalização contra novas entradas de garimpeiros e o serviço de apoio aos indígenas. Na manhã de quarta-feira, o governador Romero Jucá, acompanhado pelo delegado Romeu Tuma, deslocou-se num helicóptero da Força Aérea Brasileira para a localidade de Paa piu, onde fez a entrega simbólica da pista à Funai. Paa piu foi a primeira pista a ser interdita pela Polícia Federal na área de garimpo, devendo ter um posto policial em atividade normal no dia 16. Nos municípios de Caracarái, Mucajai e na comunidade Apiú, no entanto, a PF já está em franca atividade desde o dia 7. ●

Cinco anos de febre

O ouro encanta brancos e índios

Os conflitos entre o governo federal e os garimpeiros que ocupam a reserva yanomami começaram em 1985, quando a primeira leva de homens entrou na área com o sonho do enriquecimento em um dia. Sofrendo pressões de entidades missionárias, culturais e, sobretudo, da Igreja, o governo decidiu então interferir na região. Pelo menos três tentativas de intervenção são significativas. A primeira vez que se tentou retirar os garimpeiros foi em agosto de 1987, quando destacamen-

tos do Exército e da Polícia Militar de Roraima embrenharam-se nas matas convivendo diretamente com índios e garimpeiros. O resultado, segundo o garimpeiro conhecido por “Lampião”, foi a contaminação de alguns militares pela “febre de ouro”. Alguns oficiais se transformaram em donos de máquinas e houve soldados que acabaram como peões de seus superiores.

No primeiro trimestre de 1988, ocorreu uma operação surda do Minis-

tério da Aeronáutica. O método empregado para obrigar os garimpeiros a se retirarem foi cortar-lhes o meio de transporte aéreo – como está sendo feito agora. A persistência dos garimpeiros garantiu-lhes, porém, mais uma vez, a posse da região. Conquistaram, ainda, os índios para o trabalho. Atualmente, a situação é um pouco mais delicada. Os únicos brancos que estão sendo aceitos pelos índios em suas áreas são os garimpeiros. Os funcionários da Funai são constantemente ameaçados de morte pelos yanomami, que reclamam uma assistência direta que até agora ficou somente no papel.